



NATHA

HAWT

NIEL HORNE

**A LETRA
ESCARLATE**

tradução de

LUIZ ROBERTO
M. GONÇALVES

apresentação e notas de
FÁTIMA MESQUITA

ilustração de

PAULA CRUZ



© Panda Books

Direção editorial **Marcelo Duarte, Patth Pachas e Tatiana Fulas**
Coordenação editorial **Vanessa Sayuri Sawada**
Assistentes editoriais **Henrique Torres, Laís Cerullo e Guilherme Vasconcelos**

Coordenação da coleção **Fernando Nuno e Silvana Salerno**

Design **Casa Rex**

Ilustração **Paula Cruz**

Revisão de tradução **Ibraíma Dafonte Tavares**

Preparação **Estúdio Sabiá**

Revisão **Nana Rodrigues e Valéria Braga Sanalios**

Imagem p. 1 **Nathaniel Hawthorne** © **Mathew B. Brady e Edward Anthony/Library of Congress.**

Impressão **Ipsis**

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

H326L

Hawthorne, Nathaniel, 1804-1864

A letra escarlate / Nathaniel Hawthorne; tradução Luiz Roberto M. Gonçalves; apresentação e notas de Fátima Mesquita; ilustração Paula Cruz. – 1. ed. – São Paulo: Panda Books, 2023. 296 p. : il.; 23cm.

Tradução de: *The scarlet letter*

ISBN: 978-65-5697-231-2

1. Ficção americana. I. Gonçalves, Luiz Roberto M.
II. Mesquita, Fátima. III. Cruz, Paula. IV. Título.

23-82298

CDD: 813

CDU: 82-3(73)



Biblioteca: Gabriela Faray Ferreira Lopes – CRB-7/6643

2023

Todos os direitos reservados à Panda Books.

Um selo da Editora Original Ltda.

Rua Henrique Schaumann, 286, cj. 41

05413-010 – São Paulo, SP

Tel./Fax: (11) 3088-8444

edoriginal@pandabooks.com.br | www.pandabooks.com.br

Visite nosso Facebook, Instagram e Twitter.

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida por qualquer meio ou forma sem a prévia autorização da Editora Original Ltda. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.



APRESENTAÇÃO p. 9

PREFÁCIO À SEGUNDA EDIÇÃO p. 17

INTRODUÇÃO – A ALFÂNDEGA p. 19

I A PORTA DA PRISÃO p. 65

II A PRAÇA DO MERCADO p. 67

III O RECONHECIMENTO p. 79

IV O ENCONTRO p. 89

V HESTER E O BORDADO p. 97

VI PEARL p. 107

VII A CASA DO GOVERNADOR p. 119

VIII A CRIANÇA TRAVESSA E O MINISTRO p. 127

IX O MÉDICO p. 137

X O MÉDICO E SEU PACIENTE p. 149

XI O INTERIOR DE UM CORAÇÃO p. 159

XII A VIGÍLIA DO MINISTRO p. 167

XIII OUTRA VISÃO DE HESTER p. 179

XIV HESTER E O MÉDICO p. 189

XV HESTER E PEARL p. 197

XVI UMA CAMINHADA NA FLORESTA p. 205

XVII O PASTOR E SUA PAROQUIANA p. 213

XVIII UMA TORRENTE DE LUZ p. 223

XIX A CRIANÇA À BEIRA DO RIACHO p. 231

XX O MINISTRO NUM LABIRINTO p. 239

XXI FERIADO NA NOVA INGLATERRA p. 251

XXII O DESFILE p. 261

XXIII A REVELAÇÃO DA LETRA ESCARLATE p. 273

XXIV CONCLUSÃO p. 283

MAPA DE PERSONAGENS p. 292

BIOGRAFIAS p. 294

APRESENTAÇÃO

SOPA IMORTAL DE LETRINHAS NÍVEL HIGHLANDER MASTER

Então, aqui está você, decidida(o) — ou ao menos tentada(o) — a ler um clássico, um conjunto de palavras e ideias que um belo dia saiu da cabeça de uma escritora ou um escritor e que vem vindo, ano após ano, enredando leitores de todo tipo, de toda idade, de toda língua, de toda natureza. O que você tem nas mãos — se liga — já é só por isso um tesouro, porque, quando você mergulha na trama e no drama de um clássico, está participando de uma experiência coletiva inacreditável. Sente o poder?

Pois os clássicos são isso mesmo: são puro poder. Eles são o que fica, o que não se apaga, não se deleta, e a gente logo detecta que, vira e mexe, eles se esticam, crescem, muitas vezes virando filme, influenciando novos autores, roteiristas, letristas de música, poetas, autores de novelas, conversas de boteco e muito mais — sim, porque às vezes eles influenciam até a maneira como a gente vê o mundo, como se comporta nele... É um poder cósmico e concentrado aí numa sopa imortal de letrinhas nível *highlander master*! Bora encarar?

Ah, eu entendo. Às vezes a linguagem é tão estranha que a gente tropeça e cai de boca na preguiça. Outras vezes, o desânimo vem de trechos de descrição sem fim, ou uma cuspição de referências que cansam, umas trancas chatas, viu? E é verdade: tem uns períodos do passado escrito da

nossa história de seres humanos em que as pessoas pareciam bater palma e passar pano direto pra isso na literatura.

Mas imagino cá com minhas teclas que você tenha uma cabeça aberta, certo? Então, escancara mesmo, se deixe levar por países, cidades, tempos, costumes, leis, tradições, sabores e amores tão distantes da gente, mas tão pertinho da nossa humanidade. Se larga aí num canto gostoso, se esparrama num sofá, ou cava espaço no aperto do trem, no sacolejo do ônibus, na zoeira do metrô e mergulha no classicismo que aqui está. Você irá automaticamente adentrar uma *rave* de milhões de almas, de agora e do passado, que já curtiram o que você está prestes a decodificar neste instante. E deixe com os beques aqui a defesa da sua sanidade, porque a gente incluiu nestas páginas uma montanha de comentários que vão facilitar sua leitura, esclarecendo palavras, revelando contextos e tretas variadas — e várias vezes até abrindo novas portas para outras curiosidades que têm a ver com a história. E tudo isso com um bom humor danado! Então seja bem-vinda(o) à nossa coleção de clássicos internacionais: mete os peitos, *pow!*

TIRANDO DE LETRA

A letra escarlata veio a público em 1850 e é considerado um clássico da literatura americana, com seu jeitinho romântico e gótico. Sim, a marca registrada do autor – o Nathaniel Hawthorne – é essa mesma: uma escrita floreada e cheia de detalhes sutis, mas, sobretudo, com um ar sempre meio pesado, estranho – mais para um fim de tarde escuro de inverno do que para um meio-dia de sol na praia. O texto, aliás, foi impresso justinho quando o Nathaniel atravessava altos perrengues depois de perder o emprego e enfrentar a morte da mãe.

O que foi massa é que o livro fez sucesso e deu uma levantada no moral e no bolso do cara. E dá pra entender mesmo que a história tenha bombado – afinal de contas, além do jeito esperto de o autor apresentar as coisas, o enredo é todo trabalhado na emoção de narrar a vida de

uma mulher casada que, de repente – nem sabendo mais se o marido ainda está vivo –, se apaixona por um pastor protestante e fica grávida do figurão religioso. E ele não assume nem a criança nem a relação, ela vira mãe solo e é punida por uma comunidade cheia de regras pesadas.

E tudo isso, gente, rola no século XVII e vai puxando um monte de pensação na cabeça do leitor, enquanto mostra o papel da mulher e do homem na sociedade, a mistura da Igreja com o Estado, os sentimentos de culpa e remorso, a empatia ou a falta dela, as injustiças, o poder, a paixão, o medo, as superstições, o desejo de vingança, o desejo dos corpos... Eita, viu aí como a coisa é cabeluda e interessante? E ela fica ainda melhor de curtir se você estiver por dentro de alguns barracos do contexto daquele tempo e lugar.

OS BARRACOS DOS PURITANOS

Um dos primeiros grupos de ingleses a ir morar no que hoje são os Estados Unidos imigrou em um navio chamado *Mayflower* e sentou praça na cidade de Plymouth, na orla do estado de Massachusetts, em 1620. Eles eram bem umas cem pessoas que entraram para a história como “os peregrinos”. Dez anos além, uma leva mais encorpada se meteu a bordo de uma frota de embarcações e aportou um pouco mais acima no mapa. Eram os puritanos – e, entre eles, o taratatataravô do nosso Nathaniel.

Tanto os peregrinos como os puritanos eram gente desgostosa com a Igreja Anglicana, fundada pelo rei da Inglaterra, o Henrique VIII. Mas os pê queriam se separar e fundar sua própria religião, enquanto os pu queriam purificar a tal Igreja, porque achavam que ela estava precisada de umas repaginadas. Acontece, porém, que o Estado lá na Inglaterra não era laico – religião e governo andavam coladinhos e de mãos dadas. Daí a perseguição do rei foi crescendo, em especial para cima dos pu, e foi assim que várias famílias inteiras fizeram as malas e se mandaram para a região da América do Norte chamada Nova Inglaterra. Você percebeu que aquele pessoal, quando chegou ao Novo

Mundo, deu nomes aos lugares num sistema de copia-cola dos nomes ingleses: não só Plymouth também era o nome de uma cidade da Inglaterra, mas várias outras cidades do atual estado de Massachusetts (na Nova Inglaterra), como Boston e Cambridge, têm nomes iguais aos das cidades inglesas de onde os refugiados vieram.

INTOLERÂNCIA PURA

Essa debandada dos puritanos foi toda organizada como uma empresa cheia de sócios, a Massachusetts Bay Colony (Colônia da Baía de Massachusetts). E, como acontece com qualquer negócio, a sociedade deles tinha um regulamento só seu, que, nesse caso, era bem restritivo. Os caras, por exemplo, cancelaram o Natal porque achavam aquilo uma festa abusada. Eles também controlavam como as pessoas se vestiam, o que comiam, como gastavam o dinheiro, enfim, tudo tinha muita proibição e controle.

Nessa *vibe* de regra para tudo e a certeza de que só eles estavam certos, os puritanos deram um show de intolerância pesada, com humilhação, tortura, surra, chicotada, marca na testa com ferro quente e até pena de morte para quem discordava deles. Um dos episódios mais famosos desse jeito infeliz foi uma condenação em massa de uma mulherada da cidade de Salém, nos idos de 1692 e 1693. Elas foram todas acusadas de bruxaria. Evidentemente sem provas. E quase todas foram parar na forca. Agora adivinha quem foi um dos juízes responsáveis por essa barbaridade? O John Hathorne, que era trisavô do nosso autor, o Nathaniel! Perceberam que ele não tinha o W no nome? Foi o próprio Nathaniel que pôs o dáblui no meio do sobrenome quando tinha vinte e poucos anos, dizem que por vergonha do sobrenome do antepassado cruel.

Então não sei se você já sacou a ironia desse vuco-vuco: os puritanos foram perseguidos por estarem lidando com religiosos intolerantes a qualquer diferença lá na Inglaterra. Aí atravessaram o oceano Atlântico para chegar

a Massachusetts e fazer o quê? Aplicar direto e reto uma intolerância ainda maior!

O TRINETO DO CAÇADOR DE BRUXAS

Nathaniel Hawthorne nasceu em Salém, no estado de Massachusetts, nos Estados Unidos, em 1804, e foi criado mais pela mãe e pela família dela, porque o pai morreu quando o moleque tinha só quatro anos. Desde cedo o menino queria ser escritor, tanto que se formou na facul e nem foi procurar emprego. Ficou na casa de uns parentes por uns doze anos, sem ter que perder a noite pensando em boleto vencido, só escrevendo.

Seu primeiro livro foi bancado por conta própria (*Fanshawe*, 1828). Foram poucos exemplares e ele se arrependeu da empreitada, mas continuou escrevendo. Aos 33 anos, Nathaniel emplacou seu primeiro título. Era *Twice-told tales* – o qual, se não rendeu grana, pelo menos chamou a atenção da crítica, que reagiu de um modo positivo. Sua futura cunhada, Elizabeth Peabody, foi uma das que leu e deixou seu *like*. Animadona que era, Beth tratou de levar o cara a festas e apresentá-lo a gente importante e/ou interessante lá de Salém. Uma das figuras que ele conheceu foi Sophia, irmã da Elizabeth. Nathaniel e Sophia se casaram em 1842.

FAZENDA, CASA PAROQUIAL, ALFÂNDEGA E DESEMPREGO

Um pouco antes do casório, Nathaniel estava ligado numa turma de transcendentalistas (intelectuais que acreditavam que todo o mundo tinha uma natureza boa e que era preciso viver de um jeito simples e ser autossuficiente). Nosso autor chegou até a morar uma temporada numa fazenda-cooperativa desse povo lá mesmo em Massachusetts, a Brook Farm. Mas nada durou muito. Nathaniel saiu dali depois de uns seis meses, e não demorou muito o empreendimento utópico faliu e fechou.

Foi mais ou menos por aí que, já casado, o escritor alugou a Old Manse, uma casa legal que tinha sido moradia do pastor de uma igreja na pequena vila de Concord. Ali a Sophia e ele viveram felizes, mas não foi para sempre, porque faltou grana e Nathaniel teve que se virar nos trinta. Acabou caçando um emprego, descolando uma boquinha na alfândega da cidade de Salém, por conta dos contatos que tinha. O trampo era chato, de coletor de impostos, mas deu um *up* poderoso nas contas da família. A intenção dele era ficar naquele cargo, tipo se aposentar no posto. Por isso, Nathaniel levou um baita susto quando descobriu que ia ser despedido.

Nosso autor tentou e tentou pra caramba evitar que aquilo acontecesse, mas havia um novo presidente no país, do partido oposto àquele que havia nomeado Nathaniel, e aí não deu para se segurar na vaga. O novo político empossado indicou um querido dele e lá se foi Hawthorne para a rua da amargura. E que amargor foi aquilo, viu? Tanto é que esse drama foi parar na introdução deste livro, o que você vai conferir já, já.

Pois Nathaniel estava assim arrasadão quando começou a escrever este livro. Já tinha 46 anos, estava sem dindim, com uma filha de dois anos pra criar mais um bebezinho a ponto de nascer na barriga da Sophia, #xatiado. E aí ele conseguiu criar este livraço que está aqui na sua mão. Depois disso, ele continuou colocando no papel outras histórias. Publicou até que bastante, mas morreu em 1864, deixando muito texto inacabado.

Espia só a lista das obras mais famosas desse Nathaniel para você conferir:

O JOVEM GOODMAN BROWN (1835)

WAKEFIELD (1835)

A DAMA DE BRANCO (1837)

O VALE DAS TRÊS COLINAS (1837)

O EXPERIMENTO DO DR. HEIDEGGER (1837)

PEGADAS NA AREIA (1837)

A MARCA DE NASCENÇA (1843)

A ESTRADA DE FERRO CELESTIAL (1843)

A FILHA DE RAPPACCINI (1844)

MOSES FROM AN OLD MANSE (1846)

A CASA DAS SETE TORRES (1851)

UM LIVRO DE MARAVILHAS PARA MENINOS E MENINAS (1851)

MITOS GREGOS PARA JOVENS LEITORES (1851)

O TOQUE DE OURO (1851)

THE BLITHEDALE ROMANCE (1852)

O FAUNO DE MÁRMORE (1860)



PREFÁCIO À SEGUNDA EDIÇÃO

PARA GRANDE SURPRESA do autor, e (se puder dizer isto sem maior ofensa) para sua considerável diversão, ele descobre que o retrato do serviço público, na introdução de *A letra escarlate*, gerou um tumulto sem precedentes na respeitável comunidade de que faz parte. A reação dificilmente teria sido mais violenta, de fato, se ele tivesse incendiado a Alfândega e apagado a última brasa fumegante com o sangue de certo personagem venerável, contra o qual supostamente acalenta uma peculiar **malevolência**. Como a reprovação pública pesaria muito sobre ele, caso estivesse ciente de merecê-la, o autor pede licença para dizer que leu cuidadosamente as páginas introdutórias, com o propósito de alterar ou eliminar tudo o que se pudesse considerar errado e fazer a melhor reparação ao seu alcance pelas atrocidades de que o julgaram culpado. Mas parece-lhe que as únicas características notáveis da introdução são seu bom humor franco e genuíno e a **acuidade** geral com que ele transmite suas sinceras impressões dos personagens ali descritos. Quanto à inimizade, ou mau sentimento de qualquer tipo, pessoal ou político, ele nega absolutamente tais motivações. A introdução poderia, talvez, ser totalmente omitida, sem prejuízo para o público ou para o livro; mas, tendo decidido escrevê-la, ele acredita que não poderia ter sido feita com um espírito melhor ou mais benevolente, nem, na medida em que suas habilidades permitiam, com efeito mais vívido de verdade.

O autor é obrigado, portanto, a republicar sua introdução sem lhe mudar uma palavra.

Salém, 30 de março de 1850

Malevolência > má vontade, malignidade.

Acuidade > sutileza, perspicácia.

Os primeiros europeus a fincar os pés nestas terras foram uma turma de uma colônia de pescadores ali de perto que estava à procura de um cantinho melhor. Mas quem batizou a cidade foi John Endicott, que chegou mais tarde e, adaptando a palavra hebraica “*shalom*” (que significa “paz”), fez a comunidade adotar o nome de **Salém** em 1629. O autor deste livro nasceu nessa cidade, que fica à beira-mar, no nordeste dos Estados Unidos.

INTRODUÇÃO – A ALFÂNDEGA

É DE CERTO MODO NOTÁVEL que – embora não seja muito inclinado a falar sobre minha vida pessoal e meus negócios ao pé do fogo e para meus amigos – um impulso autobiográfico tenha se apossado de mim duas vezes na vida, ao me dirigir ao público. A primeira delas foi há três ou quatro anos, quando apresentei ao leitor – de maneira indesculpável e sem qualquer razão terrena que um leitor indulgente ou o autor intruso pudessem imaginar – uma descrição do meu estilo de vida na profunda quietude de **Old Manse**. E agora – porque, além do meu mérito, fui bastante feliz em encontrar um ouvinte ou dois naquela ocasião – eu mais uma vez canso a paciência do público falando sobre meus três anos de experiência na Alfândega. O exemplo do famoso “**P. P., Escrivão desta Paróquia**”, nunca foi tão fielmente seguido. A verdade parece ser, entretanto, que, ao lançar suas páginas ao vento, o autor não se dirige aos muitos que deixarão seu livro de lado, ou nunca o lerão até o fim, mas aos poucos que vão entendê-lo melhor do que a maioria de seus companheiros de escola ou de vida. Alguns autores, de fato, fazem muito mais que isso, e entregam-se a profundas confidências reveladoras que poderiam apropriadamente ser dirigidas, única e exclusivamente, a corações e mentes em perfeita

Depois de se casar, Nathaniel – o autor desta trama – mudou com a esposa pra essa casona conhecida como **Old Manse**. O nome quer dizer “velha casa paroquial”, porque havia sido construída para servir de moradia a um reverendo na década de 1770. A Old Manse ainda existe e fica no mesmo estado de Massachusetts, a uns 45 quilômetros de Salém. E o autor escreveu também um livro de contos em 1846 chamado *Mosses of Old Manse* (tradução minha aqui só pra você: “Musgos da casa paroquial”).

Em uma obra satírica do inglês Alexander Pope (antes atribuída ao amigo de Pope, o escocês John Arbuthnot), o personagem **P. P.** é um **funcionário administrativo de uma paróquia** e o herói convencido e falador da trama. Lá pelas tantas, o personagem do título revela que é pai de uma criança, mas que não tinha assumido essa paternidade – e você vai ver que isso tem tudo a ver com este livro aqui.

Decoroso > decente, honrado, digno.

harmonia; como se o livro impresso, atirado a esmo para o vasto mundo, com certeza fosse encontrar o segmento separado da natureza do escritor e completar o seu ciclo de existência ao promover a comunhão entre os dois. Não é muito decoroso, porém, falar tudo, mesmo quando falamos impessoalmente. No entanto, como os pensamentos ficam congelados e a expressão, entorpecida, a menos que o orador mantenha alguma relação verdadeira com sua plateia, pode ser perdoável imaginar que um amigo, bom e compreensivo, embora não o mais próximo, esteja ouvindo nossa conversa; e então, com a reserva natural descongelada por essa consciência cordial, podemos divagar sobre as circunstâncias que nos cercam, e até sobre nós mesmos, mas ainda manter o Eu mais íntimo atrás de seu véu. Nessa medida, e dentro desses limites, um autor, creio eu, pode ser autobiográfico sem violar os direitos do leitor ou os seus próprios.

Do mesmo modo, vocês verão que este relato sobre a Alfândega tem a propriedade, sempre reconhecida na literatura, de explicar como grande parte das páginas seguintes chegou às minhas mãos e de oferecer provas da autenticidade da narrativa ali contida. Este, na verdade – o desejo de me colocar em minha verdadeira posição como editor, ou muito pouco mais, dos mais prolixos entre os contos que compõem meu volume – este, e nenhum outro, é o verdadeiro motivo para eu assumir uma relação pessoal com o público. Ao cumprir o objetivo principal, pareceu admissível, com alguns toques extras, fazer uma tímida representação de um estilo de vida até agora não descrito, juntamente com a de alguns dos personagens que nele se movimentam, um dos quais, por acaso, é o autor.

Prolixa é a fala ou texto mais longo e mais complicado do que o necessário.

Considerado o primeiro milionário dos Estados Unidos, Elias Hasket **Derby** viveu de 1739 a 1799 e era **rei** só no apelido. Na real, era só um empresário poderoso que tinha navios de carga e que agitou pra caramba a economia da cidade de Salém.

Em Salém, minha cidade natal, no alto do que, meio século atrás, no tempo do velho **Rei Derby**, era um cais movimentado – mas que hoje está cheio de galpões de madeira deteriorada e exibe poucos ou nenhum sintoma de vida comercial; exceto, talvez, por algum veleiro que, na metade de sua extensão

melancólica, esteja despejando peles; ou, mais perto, por uma escuna da Nova Escócia que esteja desovando sua carga de lenha – no alto, digo eu, desse cais dilapidado que a maré frequentemente inunda e ao longo do qual, na base e atrás da fileira de prédios, o rastro de muitos anos ociosos pode ser visto na borda de grama descuidada –, aqui, com a vista das janelas dianteiras para essa paisagem não muito animadora, e dali ao outro lado do porto, ergue-se um amplo edifício de tijolos. Do ponto mais alto de seu telhado, durante precisamente três horas e meia a cada manhã, tremula ou repousa, na brisa ou na calmaria, a bandeira da República; mas com as treze listras verticais, e não horizontais, indicando assim que um posto civil do governo do Tio Sam, e não militar, está instalado ali. Sua fachada é ornamentada por um pórtico com meia dúzia de pilares de madeira que sustentam uma varanda sob a qual se estende, em direção à rua, um lance de largos degraus de granito. Acima da entrada paira um enorme espécime da águia-americana, de asas abertas, com um escudo diante do peito e, se bem me recordo, um punhado de raios e flechas farpadas misturados em cada garra. Com o habitual temperamento doentio que caracteriza essa ave infeliz, ela parece, pela ferocidade do bico e dos olhos, e pela truculência geral de sua atitude, ameaçar a comunidade inofensiva; e, especialmente, parece alertar todos os cidadãos, ciosos de sua segurança, para não invadirem as instalações que ela domina com as asas. No entanto, por mais que pareça ameaçadora, muitas pessoas procuram, neste exato momento, abrigar-se sob as asas da águia federal; imaginam, presumo, que seu peito tenha toda a maciez e o aconchego de um travesseiro de plumas. Contudo, ela não tem grande ternura, mesmo em seu melhor humor, e mais cedo ou mais tarde – frequentemente mais cedo do

A Nova Escócia é uma província do Canadá que fica uns mil quilômetros ao norte de Salém.

Pra valer, o que ele descreve é a **bandeira** que a agência alfandegária (órgão encarregado de fiscalizar bagagens e mercadorias que entravam ou saíam do país) usava. Mas em 2003 os **Estados Unidos** fizeram uma reorganização administrativa, e essa agência foi substituída, acabando assim a vida útil da tal bandeira.

Dizem que Sam Wilson era muito gente boa e muito conhecido como **Tio Sam**. Quando o recém-independente país resolveu guerrear com o Reino Unido por umas pendências comerciais, o Sam era fornecedor de carne pros soldados, e a carga chegava pra eles sempre dentro de barris marcados com as iniciais US (United States > Estados Unidos). Pois dizem que foi assim que surgiu o personagem Tio Sam, que virou uma espécie de símbolo e sinônimo do país e do governo. Muito historiador torce o nariz pra essa suposta origem do tio, mas o Congresso dos Estados Unidos aprovou essa coisa toda como versão oficial dos fatos em 1961.

Cioso > zeloso, apegado.

que tarde – é capaz de expulsar aqueles ali aninhados com um arranhão, uma bicada firme ou um ferimento causado por suas flechas farpadas.

O pavimento ao redor do edifício descrito acima – que podemos chamar logo de Alfândega do porto – tem capim suficiente crescendo em suas rachaduras para mostrar que, ultimamente, não foi usado por nenhum tipo de negócio de grande procura. Em alguns meses do ano, porém, muitas vezes há uma manhã em que os negócios ganham um ritmo mais animado. Essas ocasiões podem lembrar ao cidadão idoso aquele período antes da última guerra com a Inglaterra, quando Salém era um porto de verdade, e não desprezada, como é hoje, por seus próprios mercadores e armadores, que permitem que seus molhes desmorerem, enquanto seus empreendimentos incham, desnecessária e imperceptivelmente, o poderoso fluxo de

Molhe é o paredão construído pra segurar o pancadão das ondas do mar.

São duas cidades com porto que cresceram muito por conta disso. **Boston**, capital de Massachusetts, fica uns 25 quilômetros ao sul de Salém, enquanto **Nova York**, no estado de mesmo nome, está ainda mais pra baixo, a cerca de 350 quilômetros ao sul de Boston.

comércio de **Nova York** ou de **Boston**. Numa dessas manhãs, quando três ou quatro navios chegam ao mesmo tempo – geralmente da África ou da América do Sul –, ou estão a ponto de partir para lá, ouve-se o som de muitos pés subindo e descendo rapidamente os degraus de granito. Aqui, antes que sua própria esposa o cumprimente, pode-se dar as boas-vindas ao capitão do navio recém-atracado, corado pelo mar, com os documentos de sua nave debaixo do braço, numa lata manchada. Aqui, também, vem seu proprietário, alegre ou sombrio, gracioso ou mal-humorado, conforme o plano da viagem ora concluída tenha se realizado em mercadorias que serão prontamente transformadas em ouro ou tenha sido enterrado sob um tal monte de incômodos que ninguém se importará em livrar-se dele. Aqui, igualmente – a semente do comerciante de cenho franzido, barba grisalha e cansado –, temos o jovem escriturário inteligente, que sente o sabor do tráfico como um filhote de lobo faz com o sangue, e já imagina aventuras nos navios de seu patrão quando seria melhor lançar barcos de brinquedo numa represa. Outra figura

na cena é o marinheiro que parte para o exterior em busca de um **salvo-conduto**; ou o recém-chegado, pálido e frágil, que deseja um **passaporte** para o hospital. Tampouco devemos esquecer os capitães das pequenas escunas enferrujadas que trazem lenha das **províncias britânicas**, um grupo de marujos de aspecto rústico, sem a vivacidade da aparência **ianque**, mas que contribuem com um item de não pouca importância para nosso comércio decadente.

Reúnam-se todos esses indivíduos, como às vezes se reuniam, misturem-se outros a fim de diversificar o grupo e, por um momento, a Alfândega se tornava um lugar agitado. Mais frequentemente, porém, ao subir os degraus, perceberíamos – na entrada, se fosse durante o verão, ou em cômodos apropriados, no inverno ou sob clima inclemente – uma fileira de figuras veneráveis sentadas em cadeiras antiquadas inclinadas sobre as pernas traseiras, com as costas na parede. Muitas vezes estavam dormindo, mas às vezes podia-se ouvi-las conversando, com vozes entre a fala e um ronco, e com aquela falta de energia que distingue os moradores de asilos e todos os outros seres humanos que dependem, para sua subsistência, da caridade, de um emprego em que não há escolha ou de qualquer outra coisa que não seu próprio esforço. Esses velhos senhores – sentados, como **Mateus**, na recepção dos impostos, mas não muito suscetíveis a serem chamados dali, como ele, para tarefas apostólicas – eram funcionários da Alfândega.

Além disso, à esquerda de quem entra pela porta da frente, há uma certa sala ou gabinete, com cerca de quatro metros e meio de lado e ampla altura, com duas de suas janelas em arco dominando uma vista do cais dilapidado, já mencionado, e a terceira voltada para uma

Salvo-conduto > proteção.

Em 1799, o governo dos Estados Unidos criou uma rede de **hospitais** para atender marinheiros. Custeada por um imposto cobrado deles, quando a navegação era o principal caminho de mercadorias e negócios, ela garantia que a mão de obra dos navios seguisse firme e forte. Quando um marinheiro voltava doente de uma viagem, ia até a Alfândega e recebia um papel (conhecido como **passaporte**) liberando o atendimento médico.

Essas **províncias** aí são parte do Canadá, um país que teve um processo de independência dos **britânicos** muito lento. A separação começou com a criação do Dominion of Canada em 1867, o que lhe garantiu o poder de se autogovernar em assuntos internos, mas ainda sob a tutela do Reino Unido, que foi aos poucos ficando menor, até desaparecer em 1931. Mesmo assim, o Canadá mantém laços fortes com a monarquia britânica.

Ninguém sabe direito qual é a origem da palavra “**ianque**”, que era uma referência a qualquer um nascido nos estados do nordeste dos Estados Unidos (Maine, New Hampshire, Vermont, Massachusetts, Rhode Island e Connecticut – na região chamada New England, ou Nova Inglaterra). O termo se espalhou pelo mundo como sinônimo de qualquer pessoa nascida nos Estados Unidos.

São Mateus foi um dos doze apóstolos de Jesus e coletor de impostos.

A **Derby Street** é uma rua que ainda existe lá em Salém e foi batizada em homenagem ao tal rei Derby.

Região portuária bem antiga lá de Londres, **Wapping** era uma área que vivia cheia de confusão, briga, boteco, bêbado e tal. Localizada na nada chique zona leste da cidade de tempos atrás, Wapping ganhou fama por ter sido durante uns quatrocentos anos o local de enforcamento oficial de piratas.

No livro todo, a gente nota que o Nathaniel defende certos conceitos de igualdade da mulher, mas, ao mesmo tempo, é bem caretão em relação a todos eles. Isso já gerou um monte de discussão entre especialistas e é interessante ver como algumas ideias bem machistas vão se perpetuando, né? Dizer que faxina é tarefa da mulher, por exemplo, aparece aqui bem claro na **vassoura e esfregão**. Ah, e as **ferramentas mágicas** ligam o sexo feminino às bruxas, que tinham tanto significado na Idade Média e que têm tudo a ver com a cidade de Salém.

Um pessoal mais **radical do Partido Democrata** da cidade de Nova York estava com a corda toda numa reunião de votação do comitê executivo em 1835. A turma que estava no poder do partido não gostou daquilo e apagou a luz a gás que iluminava o local. Os tais radicais acenderam velas com fósforos (conhecidos como *locofocos*) e seguiram adiante dominando a reunião. Dali pra frente, os adversários de qualquer democrata chamavam os rivais de *locofocos*.

via estreita e uma parte da **Derby Street**. Pelas três vislumbram-se mercearias, fábricas de blocos, lojas de roupas e oficinas de peças para navios; em torno de suas portas geralmente podem ser vistos, rindo e fofocando, grupos de velhos marinheiros e outros ratos de cais que assombram

os portos, assim como **Wapping**. A sala em si é suja e tomada por teias de aranha, com a pintura velha; o piso está coberto de areia cinza, de um modo que em outros lugares havia muito caiu em desuso; e é fácil concluir, pelo desleixo geral, que é um santuário ao qual a mulher, com suas **ferramentas mágicas**, a vassoura e o **esfregão**, tem acesso muito raramente. Como mobiliário, há um calefator com uma chaminé volumosa; uma velha escrivadinha de pinho e uma banquetta de três pernas ao lado; duas ou três cadeiras com assento de madeira, excessivamente decrépitas e frágeis; e – para não esquecer a biblioteca –, em algumas prateleiras, uma ou duas dezenas de volumes dos atos do Congresso e uma grossa compilação das leis tributárias. Um cano de estanho sobe pelo teto e forma um meio de comunicação vocal com outras partes do edifício. E aqui, cerca de seis meses antes – andando de um canto a outro, ou recostado no banco de pernas compridas, com o cotovelo sobre a mesa e os olhos vagando para cima e para baixo nas colunas do jornal matutino –, poderíamos ter reconhecido, honrado leitor, o mesmo indivíduo que nos recebeu em seu pequeno e alegre gabinete, onde o sol brilhava tão agradavelmente através dos ramos de salgueiro, no lado oeste de Old Manse. No entanto, se formos procurá-lo agora, perguntaremos em vão pelo inspetor **democrata radical**. A vassoura da reforma o tirou do cargo, e um sucessor mais valoroso assumiu seu posto e embolsa seus emolumentos.

Esta velha cidade de Salém – minha terra natal, embora eu tenha vivido muito longe dela tanto na infância quanto na maturidade – possui, ou possuía, um poder sobre meu afeto cuja força não percebi durante as temporadas em que morei aqui. Na verdade, no que diz respeito ao seu aspecto físico, com sua superfície plana e monótona, coberta principalmente por casas de madeira, poucas ou nenhuma das quais com pretensão à beleza arquitetônica, sua irregularidade, que não é pitoresca nem original, mas apenas maçante, sua rua comprida e preguiçosa, que percorria cansativamente toda a extensão da península, com **Gallows Hill** e **New Guinea** numa extremidade e uma vista do asilo na outra, sendo essas as características de minha cidade natal, meu apego a ela era como ter uma ligação sentimental com um tabuleiro de xadrez desarrumado. No entanto, embora fosse invariavelmente mais feliz em outros lugares, há dentro de mim um sentimento pela velha Salém que, à falta de expressão melhor, devo me contentar em chamar de afeto. O sentimento provavelmente pode ser atribuído às raízes profundas e antigas que minha família fincou no solo. Já se passaram quase dois séculos e um quarto desde que o britânico original, o primeiro imigrante com meu nome, apareceu no povoado selvagem e cercado de floresta que desde então se tornou uma cidade. E aqui seus descendentes nasceram e morreram, e misturaram sua substância terrena com o solo até que uma boa parte dele acabou se tornando necessariamente semelhante à carcaça mortal com a qual, por um breve período, eu caminhei pelas ruas. Em parte, portanto, o apego de que falo é a mera simpatia sensual do pó pelo pó. Poucos de meus compatriotas podem entender o que é, e, como o transplante frequente talvez seja melhor para a linhagem, eles nem precisam considerar desejável saber.

Entretanto, o sentimento tem igualmente sua qualidade moral. A figura daquele primeiro ancestral, investido

Em 1692, dezenove mulheres foram enforcadas como feiticeiras no topo desse monte lá em Salém, que ficou conhecido então como **Gallows Hill** (Monte da Forca) – só que desde 2016 se sabe que o assassinato delas ocorreu foi noutra canto, no Proctor’s Ledge. Já **New Guinea** (Nova Guiné) tem a ver com a escravidão. Era comum na época do Nathaniel chamar a região da costa oeste da África de Guiné. Quem vinha de lá escravizado era “negro da Guiné”. Por isso, várias cidades dos Estados Unidos tinham áreas conhecidas como New Guinea, que era onde moravam os negros livres, em especial depois da abolição da escravatura no país, em 1865.

O autor está falando do tetravô dele, William Hathorne, que **desembarcou** nos Estados Unidos em 1630 – mais tarde o **Nathaniel** colocou um W no **sobrenome** da família, que virou Hawthorne. Vocês lembram o motivo, certo? Se não, volte a ler lá na “Apresentação” deste volume.

Transplante é a mudança de um lugar para outro.

Progenitor > antepassado.

Martes zibellina é o nome científico da **zibelina**, um bicho também chamado de marta e muito utilizado na confecção de casacos de pele.

Os puritanos usavam um **chapéu** simples, em geral preto, de aba estreita; o centro era alto, em forma de **ponta**.

No século XVI, contra a Igreja Católica surgiu a Reforma Protestante. Na Inglaterra, o rei aproveitou a onda por que queria se divorciar e criou a Igreja Anglicana, obrigatória pra todos. Mas surgiram grupos discordantes, como o dos *quakers* (**quacres**, em português). Seus seguidores foram parar na cadeia e sofreram torturas por não seguirem a oficial Igreja Anglicana. Eles se mudaram pra onde hoje são os Estados Unidos. Mas também aí continuaram sofrendo perseguição. Os puritanos de Massachusetts (outro grupo dissidente que havia fugido da Inglaterra mas pensava diferente deles) até enforcaram dois quacres em Boston, em 1656.

O trisavô de Nathaniel, John Hathorne, foi juiz do **caso das tais bruxas** de Salém. Ele agia como quem já decidiu tudo antes e só quer ouvir uma confissão. Depois, os envolvidos nesse fiasco foram todos se desculpando, menos o John, e o Nathaniel sentia uma vergonha sem fim disso.

pela tradição familiar de uma grandeza imprecisa e sombria, esteve presente na minha imaginação infantil desde que me entendo por gente. Ela ainda me assombra e induz uma espécie de sentimento familiar pelo passado que dificilmente dedico à fase atual da cidade. É como se eu tivesse mais direito de residir aqui por causa desse progenitor sério, barbudo, de manto de zibelina e chapéu de ponta – que chegou bem cedo, com sua Bíblia e sua espada, e caminhou pela rua inexplorada com imponência, e era uma figura muito grande, como um homem de guerra e paz –, mais direito por causa dele do que por minha própria causa, pois meu nome raramente é ouvido e meu rosto, dificilmente conhecido. Ele foi soldado, legislador, juiz; foi governante da Igreja; tinha todos os traços puritanos, bons e maus. Foi igualmente

um duro perseguidor, como testemunham os quacres, que se lembram dele em suas histórias e relatam um incidente de sua severidade para com uma mulher da seita que sobreviverá, teme-se, a qualquer registro de suas melhores ações, embora estas fossem muitas. Seu filho também herdou o espírito perseguidor e tornou-se tão notável no martírio das bruxas que se pode dizer com justiça que o sangue delas deixou nele uma mancha. Uma mancha tão profunda, de fato, que seus velhos ossos secos, enterrados no cemitério da Charter Street, ainda devem retê-la, caso não tenham se transformado totalmente em pó! Não sei se esses meus ancestrais pensaram em se arrepender e pedir perdão aos céus por suas crueldades; ou se agora estão gemendo sob as pesadas consequências deles, em outro estado de ser. Em todo caso, eu, o presente escritor, como seu representante, por este meio me envergonho por seus atos e rezo para que qualquer maldição invocada por eles – como eu ouvi e como a sombria e desafortunada condição da nossa raça há muitos anos sugere existir – possa ser agora e doravante removida.

Sem dúvida, porém, qualquer um desses puritanos severos e de sobrancelhas pretas teria pensado que foi uma punição suficiente por seus pecados o fato de, após um lapso de muitos anos, o velho tronco da árvore familiar, recoberto por grande quantidade de musgo venerável, ter sustentado, como seu ramo superior, um desocupado como eu. Nenhum objetivo que eu tenha acalentado eles reconheceriam como louvável; nenhum êxito meu – se minha vida, além de seu âmbito doméstico, tivesse sido iluminada pelo êxito – eles considerariam outra coisa senão inútil, ou realmente vergonhosa. “O que ele faz?”, murmura uma sombra cinzenta de meus antepassados para outra. “Escreve livros de histórias! Que espécie de negócio – que modo de glorificar a Deus ou ser útil à humanidade em sua época e geração – pode ser esse? Ora, o degenerado poderia muito bem ter sido um violinista que daria no mesmo!” Esses são os elogios trocados entre meus antepassados e mim através do abismo do tempo! No entanto, por mais que me desprezem, fortes traços de sua natureza se entrelaçam com a minha.

Profundamente enraizada na primeira infância da cidade por esses dois homens sérios e enérgicos, a família desde então subsistiu aqui; sempre, também, respeitada; nunca, que eu saiba, desonrada por um único membro indigno; por outro lado, após as duas primeiras gerações, raramente ou nunca realizou nenhum feito memorável, nem mesmo apresentou qualquer motivo para receber atenção pública. Gradualmente, seus descendentes quase sumiram de vista; como as casas velhas que, aqui e ali nas ruas, são cobertas **a meio caminho do beiral** pelo acúmulo de terra nova. De pai para filho, por mais de cem anos, eles seguiram o mar; um capitão grisalho, a cada geração, retirava-se do **tombadilho** para a **herdade**, enquanto um menino de catorze anos ocupava o lugar hereditário diante do mastro e enfrentava os borrifos salgados e os vendavais que haviam se abatido sobre seu pai e seu avô. Também no devido tempo, o menino passava do **castelo de proa** para a cabine, vivia uma masculinidade tempestuosa e voltava de

A meio caminho do beiral significa quase até o telhado.

Tombadilho é a parte mais alta do navio. Dali o capitão comanda tudo e o timoneiro (o motorista) manobra a navegação. É também o lugar mais formal da embarcação.

Herdade > fazenda grande.

Castelo de proa é a parte da ponta do navio bem oposta ao tombadilho.

suas perambulações pelo mundo para envelhecer e morrer, misturando seu pó à terra natal. Essa longa ligação de uma família a um lugar como seu local de nascimento e sepultamento cria um parentesco entre o ser humano e a localidade totalmente independente de qualquer encanto do cenário, ou das circunstâncias morais que o rodeiam. Não é amor, mas instinto. O novo habitante – que veio de uma terra estrangeira, ou cujo pai ou avô de lá vieram – tem pouco direito de ser chamado de salemita; ele não tem noção da tenacidade de ostra com que um velho colono, sobre o qual avança o terceiro século, se agarra ao local onde suas gerações sucessivas foram incrustadas. Não importa que o lugar seja triste para ele; que esteja cansado das velhas casas de madeira, da lama e da poeira, da monotonia de lugar e sentimento, do vento frio do leste e da mais frígida atmosfera social – tudo isso, e quaisquer outros defeitos que possa ver ou imaginar, de nada vale. O feitiço sobrevive, e tão poderoso como se o lugar de nascimento fosse um paraíso terrestre. Assim foi no meu caso. Eu sentia que era quase um destino fazer de Salém meu lar, para que o molde de características e a fôrma de caráter que sempre foram familiares aqui – sempre que um representante da linhagem se deita em seu túmulo, outro assume, por assim dizer, sua marcha de sentinela ao longo da rua principal – pudessem ainda em meu breve tempo ser vistos e reconhecidos na velha cidade. No entanto, esse mesmo sentimento é uma evidência de que a conexão, que se tornou doentia, deve finalmente ser cortada. A natureza humana não florescerá, não mais que uma batata, se for plantada e replantada, por uma série de gerações longa demais, no mesmo solo desgastado. Meus filhos tiveram outros locais de nascimento e, na medida em que seu destino estiver sob meu controle, lançarão suas raízes em terra desconhecida.

Ao sair de Old Manse, foi principalmente essa ligação estranha, indolente e infeliz com minha cidade natal que me levou a ocupar um lugar no edifício de tijolos do Tio Sam quando poderia igualmente bem, ou melhor, ter ido

para outro canto. Minha **sina** me dominou. Não era a primeira vez, nem a segunda, que eu tinha ido embora – ao que parecia, para sempre –, mas acabara retornando, como uma moeda sem valor; ou como se Salém fosse para mim o centro inevitável do universo. Então, numa bela manhã, subi o lance de escada de granito, com a nomeação pelo presidente no bolso, e fui apresentado ao corpo de cavaleiros que deveriam me ajudar em minha pesada responsabilidade como oficial executivo da Alfândega.

Sina > destino, fatalidade.

Duvido muito – ou melhor, não tenho nenhuma dúvida – de que algum funcionário público dos Estados Unidos, civil ou militar, já tenha tido sob suas ordens um corpo de veteranos tão patriarcal quanto eu. O paradeiro do Morador Mais Velho foi imediatamente esclarecido quando olhei para eles. Por mais de vinte anos antes dessa época, a postura independente do coletor mantivera a Alfândega de Salém fora do redemoinho das **vicissitudes** políticas, que tornam o mandato no cargo geralmente muito frágil. Um soldado – o soldado mais ilustre da Nova Inglaterra – permaneceu firmemente no pedestal de seus valentes serviços; e ele, mesmo seguro na sábia liberalidade das sucessivas administrações por meio das quais ocupou o cargo, ele foi a segurança de seus subordinados em muitas horas de perigo e instabilidade. O **general Miller** era radicalmente conservador; um homem sobre cuja natureza gentil o hábito exercia grande influência; apegava-se demais a rostos familiares e dificilmente era levado a mudanças, mesmo quando a mudança poderia trazer melhorias inquestionáveis. Assim, ao assumir o comando de meu departamento, encontrei poucos homens, mas idosos. Eram, em sua maioria, antigos capitães do mar que, depois de serem testados em todas as águas, erguendo-se resolutamente contra as rajadas tempestuosas da vida, finalmente chegaram a este recanto tranquilo, onde, com pouco para perturbá-los, exceto os terrores periódicos de uma eleição presidencial, todos

Vicissitude > instabilidade, condição desfavorável.

James **Miller** havia lutado contra o Reino Unido na Guerra de 1812, virando assim um herói para os ianques. Depois, foi nomeado governador do que era na época o território do Arkansas (terras no sul dos Estados Unidos que os americanos compraram dos franceses). Mais um pouco além na linha do tempo e ele se tornava, então, o responsável pela Alfândega de Salém, sendo, inclusive, chefe do autor de *A letra escarlate*.
